

O latente conflito ortográfico entre o português e o xichangana: desafios linguístico-pedagógicos

The latent orthographic conflict between Portuguese and Xichangana: linguistic-pedagogic challenges

Francisco Bernardo Mazivile¹

Resumo

O presente artigo visa refletir sobre os desvios ortográficos emergentes na coexistência do português com a língua xichangana, bem como sugerir soluções linguístico-pedagógicas. O estudo se serve de teóricos tanto moçambicanos como internacionais, mas notabilizando Bento Siteo (2021) e Alexandre António Timbane (2019), sem excluir muitos outros. Embarcando na netnografia, o estudo descreve qualitativamente ocorrências de alternância de código em *chats* do *WhatsApp*, entre o português (L2) e o xichangana (L1). Daqui o estudo discute os motivos dos erros ortográficos existentes na L1 e outros problemas linguístico-pedagógicos, sugerindo possíveis respostas. O sucesso dos esforços de padronização e harmonização ortográfica dependerá da qualidade de debates, capacidade de adoção, apropriação e regulação das tecnologias pedagógicas no ensino, em geral, e no ensino e aprendizagem bilíngue, em particular.

Palavras-chave: Línguas bantu faladas em Moçambique. Baralho ortográfico. Literacia bilíngue digital.

Abstract

The article herewith aims at reflecting on orthographic deviations emerging in the coexistence of Portuguese with Xichangana, as well as at suggesting linguistic-pedagogic solutions. The study is based on both Mozambican and international theorists, yet focusing on Bento Siteo (2021) and Alexandre António Timbane (2019), without excluding many others. Resorting on virtual ethnography, the study qualitatively describes cases of code switching, in WhatsApp chats, between Portuguese (L2) and Xichangana (L1). Hence, the study discusses the motives of orthographic errors existing in L1, besides other linguistic-pedagogic challenges, suggesting possible answers. Success of orthographic standardization and harmonization will depend on the quality of debates and on the capacity of adoption, sophistication and appropriation of educational technologies in teaching, in general, and in bilingual education, in particular.

Keywords: Bantu languages spoken in Mozambican. Orthographic disorder. Digital bilingual literacy.

1 Introdução

De forma sem precedente, a internete conjugada às Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), está corporizando uma sociedade cada vez mais ciberculturalizada, na qual reestruturam-se todas as esferas existenciais do ser humano com a alteração de suas trocas cotidianas de socialização, racionalidade e práxis. A nível linguístico-ortográfico, na poliglossia que caracteriza a sociocomunicação em Moçambique, exacerbam-se e pululam novas formas grafofonético-fonológicas, de expressividade e de regência, com retroalimentações pluridirecionais e polifônicas incontroláveis. A par disso, tentativas de transpor e possivelmente sarar feridas atroztes da marginalização das Línguas

¹ Doutorando em Ciências da Linguagem Aplicadas ao Ensino de Línguas. Universidade Pedagógica de Moçambique, Maputo, Moçambique. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1173-0968>. E-mail: fbmazivile@gmail.com.

bantu faladas em Moçambique (LMs) desde a era escravagista, colonial e pós-colonial, culminam em debates nativistas que perduram até hoje, daí que Ilídio Macaringue (2017) afirma que “a *política linguística de Moçambique ainda está em construção* (MACARINGUE, 2017, pp. 64-66)”. O português é língua oficial, de instrução, e dos eventos formais mas que por ser ainda língua minoritária entra em influência mútua com as LMs, que são as mais faladas, por cerca de 81,2% da população do país (TIMBANE, 2019, p. 106), sendo que vai ficando endogeneizado na mescla grafolinguística local, e que precisa de repadronização, fato que explica a designação como “Português de Moçambique (PM)”. Este ambiente multilingue vai se hibridizando mais aceleradamente com a massificação da escolarização em paralelo com o actual aumento de gente a escrever no mundo físico e nas redes sociais do mundo virtual. Esta diluição grafolinguística ciberculturalizada vai modificando e desafiando o ambiente pedagógico. No ensino de línguas em particular, novas exigências emergem, o papel da escola é desafiado a ter que reinventar-se, novos papéis e perfil dos respetivos atores são necessários, conteúdos se mostram descontextualizados, técnicas se revelam obsoletas, a transmissão das habilidades linguísticas se mostra deficitária e lacunosa, numa ecologia linguística dinâmica à velocidade minuto. Por conseguinte, este artigo intende perceber o cenário ortográfico emergente no contato entre o Português de Moçambique (PM) e xichangana no contexto ciber e multilinguístico.

1.1 Justificativa

O estudo se deve ao fato de no contexto moçambicano ainda escassearem estudos que abordam fenómenos de contato linguístico que enfoquem na operacionalização da escrita em redes sociais, e especificamente no *WhatsApp*. Enquanto a internet vai se tornando um super-observatório dos cenários linguísticos e existenciais, não há ainda estratégias linguístico-pedagógicas robustas para perceber e monitorar sua prossecução no labirinto virtual. Não existem diretrizes de gestão da relação do PM com as LMs, e de modo particular, com o xichangana, que solucionem ou minimizem a perene problemática dum multilinguismo moçambicano onde a língua oficial, de instrução e que se quer unificadora da sociocomunicabilidade é exógena e ainda não cobrindo maioria de falantes.

O autor acha que seja necessário se buscar orientação e reorientação do modelo de ensino de línguas em Moçambique, perante a corporização duma sociedade ontológica, antropológica e linguisticamente digitalizada. Pesquisas crítico-reflexivas poderão ajudar a perceber o modo como ocorrem convergências, divergências e complementaridades, não só de fala ou escrita entre o xichangana e português como entre este e todas as LMs incluindo outras, estrangeiras. Pois, embora o

contato linguístico seja enriquecedor, um baralho ortográfico ciberretal não gerido, tanto no âmbito local como planetário, pode conduzir à exacerbação de linguicídios, de crises culturais e de representação.

1.2 Referencial teórico

O estudo se serve de teóricos tanto moçambicanos como internacionais, mas com enfoque em linguistas moçambicanos que debatem aspectos ligados à padronização ortográfica, fonética, fonológica das LMs. Aqui se notabilizará a menção recorrente e incontornável em Bento Siteo (2021), por conta do seu guia ortográfico das LMs, intitulado “Padronização e harmonização ortográfica ...”, e em Alexandre António Timbane (2019), sem necessariamente excluir muitos outros linguistas e teóricos. Em torno dos problemas ortográficos, um dos argumentos é de que a padronização linguístico-ortográfica, enfocando as LMs, *aproxima as pessoas e facilita a circulação de textos, a troca de experiências, a construção de pontes entre pessoas e instituições* (SITEO, 2021, p. 11).

1.3 Objectivo geral

O estudo busca refletir sobre ocorrências de desvios ortográficos no contato entre o Português de Moçambique (PM) e o xichangana, e sugerir soluções linguístico-pedagógicas.

1.3.1. Objectivos específicos

- descrever aspetos ortográficos em situações de alternância de código, do PM para xichangana, nas trocas de mensagens instantâneas nos *chats* do *WhatsApp*.
- Identificar elementos sócio-antropológicos e histórico-políticos que motivam atitudes ligadas a essas ocorrências de erros ortográficos nas interações linguístico-discursivas.
- Articular possíveis soluções linguístico-pedagógicas e reformistas para orientação do modelo de ensino de línguas, enfocando a hibridização transversal (holística, desde a primeira classe).

1.4 Questões de investigação

- Como se explica a ocorrência do xichangana nas trocas textuais-discursivas em PM no *WhatsApp*, nas redes sociais virtuais e não só?
- Qual é ou existe algum modelo de ensino virtual (em plataformas virtuais) de inclusão de LMs?
- No campo da política e planificação linguística moçambicana, como é projetada a gestão pedagógica do multilinguismo e diluição linguística ciberespacial (o internetês, por exemplo)?

1.6 Metodologia

É um estudo qualitativo, descritivo-exploratório e reflexivo. Serve-se dos métodos **empírico-indutivo**, que consistem em preceder qualquer ilação reflexiva pelo questionamento sobre o funcionamento e significado dos fenómenos (BLANCHET, 2000, p.31). No caso do baralho ortográfico, o investigador observou e coletou ocorrências em interações por escrita no *WhatsApp*, e daí conduziu uma reflexão indutiva sem ousadia de estabelecer leis ou propostas fixas, pretensamente universais.

1.6.1 Técnicas de recolha do corpus

O estudo serviu-se da netnografia, ou seja, da etnografia na internete (LEITÃO & GOMES, 2017, p. 56), em ambiente virtual, sendo, mais precisamente, uma etnografia linguística *online*. Uma das estratégias adotadas foi a observação participante direta, como participante de duas das quatro comunidades virtuais de interação por escrita no *WhatsApp*. Estas comunidades compreendem os seguintes perfis: um grupo de *WhatsApp* é de professores de uma escola do nível médio localizada em zona periférica da cidade de Maputo (do e da qual o autor é integrante), e o outro composto por formandos egressos que se identificam por experiências comuns de formação académica e de convívio no passado, também incluindo o investigador. Estes encontraram no *WhatsApp* uma forma de reencontro embora de forma remota, para partilhar experiências passadas e as vividas presentemente. “Observação participante” é tomada aqui como sendo o estar imerso no grupo virtual, podendo até partilhar com os demais membros do grupo. O investigador aqui toma a posição não somente de observador como também de observado. A língua prevista para a comunicação é o português. A outra estratégia foi a “observação não participante”, recorrendo a duas comunidades de fala e escrita² virtuais das quais o autor não é membro direto, mas logrando convites frequentes de co-pedagogos para enxergar textos e outros géneros de informação de novidades, de piadas, ou mesmo informações de alarido que, colhendo maior atenção pública se tornam ciberacontecimentos do momento, logrando maior frequência de trânsitos ou deslizamentos entre o posicionamento *off* e *online*, e sob qualquer nível de competência de grafonização por cada internauta. Uma das duas comunidades integra internautas de uma escola meio-rural, e outra alberga professores do ensino médio de vários cantos de Maputo³.

² No contexto deste estudo, “comunidade de fala” refere-se a cada cibercomunidade, de professores e outros integrantes, que partilham um mesmo espaço da ferramenta *WhatsApp*, unidos pelo vínculo profissional da docência que induz a mesmos interesses (para o caso de professores), e ou por mesmos interesses e experiências (o caso dos não-professores).

³ Por razões éticas e de sensibilidade, o estudo não faz menção de nomes de pessoas, nem de visados escreventes.

1.6.2 Justificação da escolha do corpus e das técnicas de recolha de dados

A escolha de um corpus diversificado, derivado de diversos grupos do *WhatsApp*, assenta no desejo de abranger diversos aspetos sociolinguísticos de entrosamento ortográfico entre o PM e o xichangana, sob a crença de que: 1) a comunicação escrita no *WhatsApp* é de monitoramento livre e natural; 2) a diversificação pode captar o grau de presença de fenómenos específicos como o caso da alternância do código, erros ou correção ortográfica, dentre outras tendências; 3) a diversidade de comunidades virtuais de escrita pode captar factores comunicativos contextuais diversificados conducentes à verdade sobre o fenómeno em estudo; 4) a complexidade de corpus acaba tornando perceptíveis tanto valores implícitos como explícitos, aplicáveis para reforma do ensino de línguas sobretudo por via das tecnologias pedagógicas; 5) este estudo deve resolver problemas linguístico-pedagógicos e dificuldades da vida real, da superdiversidade, levando em consideração as interfaces: redes sociais/padrões linguístico-ortográficos, tecnolinguística/ensino de línguas, língua/texto, multilinguismo/cibercultura, etc. 6) este tipo de corpus permite evitar o paradoxo do observador, ou seja, possibilita que os internautas interagentes não sejam influenciados por uma presença direta do observador no momento da redação e do desenrolar das trocas comunicativas por cada (e entre) interagente(s), arrastando o conselho de Wiliam Labov (2008) à sua aplicação na comunicação escrita ciberespacial, conselho no qual ele realça o "*estudar a pessoa em seu ambiente social natural (...), observar o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista – para ver como as pessoas usam a língua em contexto quando não existe observação explícita*" (LABOV, 2008, p. 64). A crença é de que a observação participante em contexto informal e acompanhamento das conversações redigidas pelos interlocutores é melhor forma de acessar variedades de fala e escrita, preservando os critérios de autenticidade, nomeadamente, a transferibilidade, a credibilidade, interdependência, confirmabilidade dos dados das instâncias sociocomunicativas do *WhatsApp*.

2 Breve retrospeção do cenário ortográfico das LMs e do xichangana

A Secção de Línguas Bantu (SLB) da Universidade Eduardo Mondlane, uma das instituições de ensino superior de referência em Moçambique, estima que existam acima de vinte Línguas Bantu (LB), entre as quais se inclui xichangana, sendo as mais faladas, por cerca de 80% da população (NHAMPOCA, 2015, p. 85), apesar da massificação, em curso, do ensino em língua portuguesa.

As LB pertencem à subfamília Niger-Congo, que são entre cerca de 450 e 700 línguas (MINEDH, 2020, p. 17). Ademais, segundo Alexandre António Timbane (2019) citando NGUNGA

(2014), a palavra *bantu*, que significa “pessoas”, em estudos de linguística africana designa línguas africanas pelo facto da:

existência de características comuns; entre elas se destaca: a) possuir um sistema de gêneros gramaticais, em número não inferior a cinco; b) ter vocabulário comum a outras línguas, a partir do qual se pode formular hipóteses sobre a possível existência de uma língua ancestral comum; e c) ter um conjunto de radicais invariáveis a partir dos quais a maior parte das palavras se forma por aglutinação de afixos: uma estrutura básica do tipo consoante-vogal-consoante ou ainda juntando-lhes sufixos gramaticais formam-se bases verbais (TIMBANE, 2019, p. 109).

Estudos defendem que a escrita surgiu na suméria, mas consta que as línguas de origem bantu da África central e subsaariana permaneceram ágrafas, tendo a tradição oral como sua característica. Em Moçambique a escrita veio a iniciar com os portugueses por volta de 1900 (TIMBANE, 2019, p. 119), adotando-se o alfabeto latino (TIMBANE, 2012, p. 37). No entanto, ainda que esta asserção seja verdadeira, a inferioridade das LB é construção ou artefato de opressão. Foi essencialmente a colonização que definiu e estagnou o progresso de formas primitivas de escrita em África. O letramento existiu mesmo antes da colonização europeia e das conquistas islâmicas entre os povos africanos independentemente da alfanumeração romana que hoje prevalece em vários quadrantes do mundo. Histórias, escritos, ideologias, e textos existiram em contextos específicos e diferenciados em toda a África (JUFFERMAN *et al.*, 2014, p. 5).

A língua xichangana é a língua com maior número de falantes na região sul de Moçambique, estando ao lado do português e de outras LMs e de algumas estrangeiras, nas províncias de Maputo, Gaza e Inhambane, sem excluir parte da África do Sul e Zimbabwe. Bíblias e livrinhos de catequese e de orações foram as obras mais antigas escritas em língua xichangana, datando do século XIX, e que visavam apenas a evangelização e civilização aos povos africanos que eram tidos como selvagens, e não precisamente o ensino da leitura e escrita. Presentemente, embora o xichangana seja já língua de ensino em algumas escolas (cerca de 23 escolas), o processo ainda está na sua fase experimental sob o ensino bilingue (TIMBANE, 2019, pp. 107-108) não aditivo. Pelo que ainda não abrange todos os níveis e subsistemas de ensino, excluindo por isso grande maioria da comunidade estudantil do país.

2.1 As línguas na viragem tecnológica e cibercultural

Ninguém fica excluído ou se exclui, tanto ricos e pobres, das novidades trazidas pela internet e pelas TICs, sendo que sua adoção é vertiginosa mesmo no sul global (UNDP, 2019, p. 201), incluindo Moçambique, onde a aprendizagem móvel informal se generaliza incontrolavelmente. Com a globalização e ciberculturalização em ascendência, elementos linguísticos de línguas geograficamente

próximas ou distantes, novos e velhos, de cada instância de comunicação, são aproximados e diluídos nos circuitos retais, já que o mundo real e virtual forma uma espécie de hipertexto global, com criações linguísticas omnipresentes, em reciprocidade (e diluição linguística) ilustrada no esquema que segue.



Figura 1. Novo circuito da dinamicidade grafolinguística
Fonte: O autor

As setas espelham a natureza (intra, inter, trans e) multidirecional das retroalimentações linguístico-ortográficas na desterritorialidade do espaço digital. Com a acentuação da velocidade de criações linguísticas, gráficas e semióticas, exacerbam-se a porosidade e a hibridização linguística.

Existem vários espaços virtuais de comunicação na superrede ciberespacial, privados ou não (como por exemplo, o *MySpace*, *Orkut*, *LinkedIn*, *Facebook*, *Instagram*, *TikTok*, *YouTube*, *Tumblr*, *Twitter*, *e-mail*, *Badoo*, *Viber*, *Snapchat*, *Google+*, *WhatsApp*, entre muitos outros). Este último espaço retal (*WhatsApp*) foi privilegiado neste estudo. Sendo de acesso possível por celular, e sendo a troca de mensagens escritas a aplicação mais notória no *WhatsApp* (incluindo possibilidade de troca de vídeos, imagens, gravações de som e mais, com conectividade portátil e duradoira podendo mesmo ser perpétua), isso faz desta plataforma uma novidade de campo etnográfico viável, no qual o investigador pode estar contínua e permanentemente no trabalho de campo netnográfico sem limitação horária, quer de dia ou de noite (LEITÃO & GOMES, 2017, p. 56). Em Moçambique o *WhatsApp* vem ganhando cada vez mais espaço de uso nas trocas de mensagens instantâneas de grupos com interesses comuns. No corpus, o investigador transcreveu entre aspas (“”) as passagens com ocorrências de alternância de código, e utilizou o negrito nas palavras do xichangana com problemas ortográficos. Os sinais de reticência antes e depois de cada transcrição indicam omissão de informação. *Screenshots* das transcrições são disponibilizados em anexos, em tamanho muito reduzido mas passível de ampliação. Apenas parte das ocorrências é realçada e caracterizada.

3 O corpus

Transcrição A: "... *Hi leli ninganalone mana...*"

Transcrição B: "... *switakaluta makuezu*

Transcrição C: "...kkkk. Se deu mal. **Umudecepcionarile** ...

Transcrição D: "... Jantei com makofu e thantekei voroso, achando que ..."

Transcrição E: "...**Duzentxo**" (...) "... ni kombela **a caldo**"... **Haweneee**, dei arroz ainda quer caldo?..."

Transcrição F: "... Aonde, **mawaco**..."

Transcrição G: "... kkkk. Ata boxa ni **maocolo yimi** hloti..."

Transcrição H: "... não continuaram no silencio ao em vez kaku **vayikwelisela matensao**..."

Transcrição I: "... **Vocejee**. Só mais uma vez. Nikombela **ma dicas** ..."

Transcrição J: "...Quer **tumbuluxar** coisas que não estamos a ver..."

Transcrição K: "...**xotiquinissa** n fim vai render kkk. **Awena!**

Transcrição L: "...**Nitsikene andle. Mini nawaga** ...".

Transcrição M: "... na hora da verdade, só as suas ações terão valia!!! **vhakite**"

Transcrição N: "... **Este é q é o problema!!! Qer documentos... Epah!!! Ni tafa hi nohmo!!!...**"

Transcrição O: "...**Vaquite**"

Transcrição P: Bom dia (**pictograma**)soal".

Escrevente Q: "... **foi a sala 100 plano** e ... swavone leswu..."

Segue-se um corpus do grupo de *WhatsApp* de integrantes etnolinguisticamente heterogêneos.

Transcrição R: "...De facto cantam muito bem: **Tirikwenda kwa yesu!**..."

Transcrição S: "... Sobre os administradores, (...) **Uwe, ungoduwala kkkk** ..."

Transcrição T: "... **Iwe**, é Mam... Tenho que concordar consigo **wandruyi** ... Esses manos de Tete **ishiiii, muito maprovoco com eles.**"

Transcrição U: "... Parabens Dr. Muita força e bênção. **Nyibonguide** ...

A caracterização sequente enfoca nos erros ortográficos embora inclua alguns outros aspetos.

3.1 Descrição de erros ortográficos

Como é de notar, estava previsto para uso o português, por ser língua oficial, formal, de instrução e unidade nacional. O xichangana é língua materna (L1), aparecendo no *chat* como "intrusa".

O equivalente da ocorrência A: "... *Hi leli ninganalone mana...*", em português é "...É este **queeutenho** mana...". Neste caso, coalescendo partes isoláveis como se fosse uma única palavra, o

internauta **A** realiza uma situação de hipossegmentação de **ninganalone**, que dificulta a identificação vocabular, e acarreta difícil captação do significado, mesmo para um recetor competente em xichangana (ou recetor changana⁴). A sua segmentação correta seria **ni nga na lone** que facilitaria acesso à identificação e ao seu significado (que em português equivale a **que eu tenho**).

No caso B, com a transcrição “... *switakaluta makuezu*...”, o guia ortográfico prevê o uso do grafema <w> (seguido da vogal <e>) e não <u>, sendo a forma correta **makwezu** (SITOE, 2021, p. 15).

A transcrição “...kkkk... **Umudecepcionarile** ...”, do caso C, em português corresponde a “... **decepcionaste-lhe** ...”. Ocorre aqui uma situação de *xanganização* do verbo **decepcionar**, usando-o como radical ao qual o internauta flexionou, agregando afixos gramaticais do pretérito perfeito da lógica classificatória e de concordância típica dos verbos do xichangana (SITOE, 2021, p. 20).

No caso D, a transcrição “... Jantei com makofu e **thantekei** voroso...” ostenta o contrário do caso do falante C, inclusive o erro de omissão do grafema <l>, devendo ser **thlatekei**. Trata-se de aportuguesamento do verbo changana **ku thlateka**. Ademais, está patente uma alternância de código, que se realiza sob uma intercalação, do seguinte modo: **português + xichangana + português + xichangana + neologismo**, procedente de: **Jantei com + makofu + e + thantekei + voroso**. Traduzido literalmente seria: “Jantei **couve** e **sobrepus** linguíça”.

A transcrição E: “...**Duzentxo** ...”, denota a influência do português no xichangana, à semelhança dos casos das palavras “tampa”, “patu”, “tiyù”, “pirimù”, descritos por TIMBANE (2019, p. 120). **Duzentxo** é adoção da palavra portuguesa “duzentos”, um numeral ordinal em português que vai entrando no xichangana⁵. Em contrapartida ao aportuguesamento, na mesma palavra **duzentxo** ocorre uma tentativa de xanganização grafofonológica da sílaba final <-txo>. Uma das regras a cumprir seria o uso do grafema final <u> para adequação de som, ao invés de <o>, pois “as vogais, independentemente do ambiente da sua ocorrência, sempre serão lidas como elas são (TEMBE et al., 2019, p. 48)”. Na transcrição “...ni kombela **a caldo**” (...) **Haweneee**, dei arroz ainda quer caldo?...”, um dos aspetos que sobressai é a presença do neologismo **caldo**, (sempre precedido por <a> em xichangana, ao invés do artigo português <o>), com equivalente ausente nas LMs. **Haweneee**, denota internetês em LMs, em que se transporta o alongamento vocal da fala para a escrita virtual.

Na palavra **mawaco**, do extrato F, ocorre o erro de uso de <c> ao invés de <k> previsto na padronização vigente das LMs. O remetente (internauta F) ao preferir incluir esta palavra na

⁴ Se, por um lado, “xichangana” designa a língua, por outro, changana refere-se ao integrante da comunidade de falantes do xichangana – refere a um membro dos vachangana (TIMBANE, 2019, p. 108).

⁵ Existem somente oito termos para exprimir todos os numerais do xichangana (por combinações e adições destes oito), que são: -n’we “um”; -mbirhi “dois”; -nharhu “três”; mune “quatro”; ntlhanu “cinco”; khume “dez”; dzana “cem”; gidi ou khulu “mil”, segundo GERDES (2008, p. 103) citando SITOE (1993).

conversação, não se desprende da utilização do grafema <c> no contexto da língua portuguesa e na qual o grafema toma o som [k] antes de <a, o, u>, como em *com*. Acontece que a ortografia consensual vigente para as LMs prevê que no lugar do grafema <c> esteja o grafema <k>, pois segundo Bento Siteo (2021), é este grafema <k> que nas LMs “*representa uma consoante com o valor que tem o <c> em língua portuguesa antes de <a, o, u>* (SITOE, 2021, p.15).” Pelo que, <c> nunca assumiria a posição em que se encontra. A grafia definitiva da palavra seria **mawaku**, que significa *quem me dera*.

Em G: “... kkkk. Ata boxa ni **maocolo yimi** hloti...” repete-se o mesmo erro referido na ocorrência anterior, de uso de <c> ao invés de <k>. A palavra **maocolo**, é um neologismo alógeno no xichangana, trazido do termo português “óculos” para xichangana (e para algumas LMs da região sul de Moçambique, como o citshwa, por exemplo). Ademais, a forma ortográfica definitiva, vai mais longe devendo integrar o grafema <y> entre o hiato <ao>, e trocando a terminação <o> por <a> ficando **mayokola** ao invés de **maokolo**, se se considerar, por exemplo, algumas sub-variantes do citshwa. Ocorre, igualmente, o uso indevido de <y> no lugar de <h> no elemento gramatical **yimi**, devendo ser coalescido e segmentado assim **hi mihloti**⁶.

As ocorrências até aqui abordadas enfocam situações de intromissão ocasional do xichangana nos *chats* em português, portando circunscrevendo-se unicamente à zona sul de Moçambique. Mas, na verdade, estas situações também ocorrem no grupo de *WhatsApp* de integrantes etnolinguisticamente heterogêneos, geolocalizados em diversos pontos do país, como o caso dos exemplos desde **R** até **U**. Por exemplo, neste referido grupo, o internauta **R**, na passagem seguinte “...De facto cantam muito bem: **Tirikwenda kwa yesu!**...” evidencia a ocorrência de alternância de código na zona centro de Moçambique. O coro em alusão esteve em *performance* numa LM chamada Xisena, em cerimónia fúnebre no distrito de Dondo. É importante realçar aqui que esta ocorrência deriva do facto de maioria dos moçambicanos, nas suas cerimónias festivas e não festivas incluírem canto e dança tradicionais largamente em LMs. Apenas nalguns ambientes urbanos pode predominar o português nas recreações. O histórico (religioso) do internauta justifica a ausência de erros nesta transcrição.

Os internautas **S** e **U**, por seu turno, emotivamente recorrem à alternância de código por via da LM chamada Gitonga, falada na zona sul, nas seguintes passagens “... Sobre os administradores, (...) **Uwe**, ungoduwala kkkk ...”; “... Parabéns Dr. Muita força e bênção. ... **Nyibonguide** ...”. Nestes dois casos ocorre grave desordem ortográfica do Gitonga, se analisados à luz do Guia Ortográfico das LMs, de SITOE (2021). O internauta **T**, igualmente, intercala o português pelo Xinyungwe e Gitonga na passagem seguinte: “... **Iwe**, é Mam... *Tenho que concordar consigo wandruyi* ... *Esses manos* ...

⁶ Palavras a negrito, de H até R também portam erros, sendo que o estudo não visa esgotar ou tratar unicamente dos erros, mas um dos observatórios do problema ortográfico para a busca de suas soluções.

ishiiii, muito **maprovoco** com eles.” Para além de erros ortográficos e uso inapropriado de “wandruyi”, (que devia ter sido **ndriyangu**), nota-se a presença de uma tentativa de bantuiização do português, em **maprovoco**. A construção **muito maprovoco com eles**, é frequente na região centro do país. **Uwe** e **iwe**, que ocorrem nestes dois últimos casos, significam *você*, tanto em Gitonga, na região sul (**uwe**), como nalgumas LMs do centro (**iwe**). Pelo que, a miscelânea ortográfica nas LMs é fenómeno nacional.

3.2 Motivos da alternância do código constatados

Das ocorrências transcritas, há presença de alternância de código de tipo intersentencial, intrasegmental, e unitária. Dentre várias definições, a alternância de código refere ao uso de duas ou mais variedades linguísticas (no ato da fala), e existe uma série de razões que podem motivar o recurso ao seu uso, alguns dos quais são a necessidade de: preenchimento lexical, de citação, de transmissão de confidencialidade ou solidariedade, de exclusão de um ou mais possíveis interlocutores, de troca de papel de falante (LIMA, 2007, pp. 236 - 238). Partindo da natureza do perfil dos integrantes e da natureza do corpus, o estudo afasta a primazia de muitos destes e de outros motivos existentes sobre esta matéria, se se ter em conta a natureza amigável, a obrigatoriedade do uso do português, a simpatia e confiança, que embasam os grupos virtuais envolvidos neste estudo. Descarta-se igualmente a “necessidade de suprir défice vocabular”, pois, os visados são pessoas letradas, maioritariamente professores, possuindo todos o nível padrão da língua portuguesa.

Antes, olhando para o contexto político-histórico e cultural que precedeu (e culminou n) o atual mapa etnolinguístico, o realce nos internautas vai para a questão do “conforto linguístico-identitário”, de opção pelo timbre locutório da afro-moçambicanidade, qualificando as mensagens ao jeito habitual da língua do cotidiano das suas famílias (e não da língua exógena, do serviço ou de formalidades). Trata-se de uma teimosia latente, pacífica e generalizada, de uso das LMs, que suplanta o facto de a cada grupo de *WhatsApp* ser reservado única e unanimemente o uso da língua portuguesa.

Os motivos, portanto, podem ser resumidos do seguinte modo: a) a perene exclusão das LMs nos contextos formais enquanto a comunicação cotidiana (habitual) da maioria da população do país ocorre em LMs; b) a permanência, desde a independência em 1975, de um enorme fosso de distanciamento entre a realidade linguístico-identitária dos internautas, por um lado, e os esforços de resgate das LMs por via do Ensino Bilingue, doravante EB, por outro; c) o oportunismo explosivo das LMs em face ao contexto translíngüístico incontável, da globalização liquefata e ciberculturalizada.

3.3 Motivos dos erros ortográficos no xichangana

Sabe-se que em Moçambique as LB, incluindo o xichangana, coexistem com o Português de Moçambique (PM)⁷. A política de homogeneização da diversidade linguística e cultural com recurso no português como língua oficial, de instrução após torturas psicológicas do escravagismo, colonização emparelhado de banimento das LMs no ensino e nos eventos formais, veio e vem resultando numa moçambicanidade pós-colonial com representação e imagem alienados, que sucumbe com desprazer e remorso conscientes (muitas vezes disfarçados). Na verdade muitas deformações linguístico-ortográficas podem ser prolongamento da obrigatoriedade do uso do português que era de forma coerciva e total tanto para letrados como iletrados. A alternância de código de forma espontânea e o emergente baralho ortográfico são explosões reivindicativas (conscientes ou inconscientes) contra essa alienação, que o autor designa conflito linguístico “latente”. **Essa exclusão das LMs com base nessas decisões não foi emparelhada nem por um ensino inclusivo do português nem por uma supressão bem-sucedida das LMs.** Daí que estas línguas continuaram e continuam vivas e dominantes no cotidiano da maioria dos moçambicanos. A discriminação e marginalização ditaram a ausência/privação do acesso a pelo menos iniciação em sua leitura e escrita a quase todos os moçambicanos, fazendo as LMs deterem-se ágrafas mas em latência e hibernação indelevelmente ecoantes. Consequentemente, a alternativa que existe, não somente para os internautas aqui em apreço, mas para quase todos os moçambicanos, é a presunçosa utilização (cega) de padrões ortográficos do português ao se expressarem nas LM por escrito. Desta forma se instaura o caos linguístico-ortográfico, por inobservâncias das existentes inúmeras e enormes diferenças estruturais, não somente grafofonológicas, mas de índole diversa entre o português e as LMs, conforme foi demonstrado acima. Então, presentemente as TICs e as novas práticas sociocomunicacionais de literacias (digitais) em alta acabam descortinando a ponta do iceberg dançante e fervente neste vórtice vulcânico do xichangana, das LMs e da sua escrita.

⁷ O PM é uma variedade que tende a afastar-se do padrão europeu e que tem como base as línguas bantu, adaptando e integrando na língua portuguesa valores culturais, identidade, símbolos, objetos materiais dos moçambicanos (TIMBANE, 2014, p. 11).

3.3.1 O internetês como cúmplice dos erros no caos ortográfico

Existem opiniões a favor e contra o internetês⁸, onde se inclui a hipótese de o baralho ortográfico no xichangana e nas LMs ser, em parte, extensão de práticas viciosas, a incubarem-se, vindas do internetês presente no português. Nas ocorrências transcritas no corpus, os segmentos em português estão repletos de práticas que não obedecem a nenhum padrão do português, nem o brasileiro (PB) e nem o europeu (PE). Aqui coloca-se a possibilidade de algumas atitudes e práticas do internetês imersas no português dos internautas aqui em causa influenciarem-nos ao escreverem xichangana e outras LMs. Pode-se tomar como exemplo, o caso do escrevente **N**: “... **Este é q é o problema! Qer documentos... Epah!!! Ni tafa hi nohmo!!!...**”; ou Escrevente **P**: “... **Bom dia [pictograma de um pé humano] + soal**”, significando **Bom dia pessoal**.

Nestas e noutras ocorrências do corpus pode-se notar a presença de muitas formas mais informais e de “extravagância” do português. Alguns casos são: a) Omissões e abreviações, principalmente de vogais, como em “**q**” representando *que*; b) transcrição da linguagem coloquial ou fusão fala-e-escrita (presente em quase todas as ocorrências realçadas); c) acentuação sem rigor, oscilando entre fraca, ausente ou exagerada. É o caso, entre outros, da transcrição **N**, “...**Qer documentos ...Epah!!!...**” Esta acentuação (de reticências e exclamação tripla) foi transcrita do original; d) expressões de emoção e onomatopeias. Como por exemplo: **Kkkkk**; “**vocejee!**”, pelas/os escreventes **G** e **I**; e) uso do *rebus* ou ícones . O internauta **P**, por exemplo, antecedeu “soal” com o pictograma de um pé para compor a palavra **pessoal** (Anexo 7.1); f) uso de números sonorizando letras. Por exemplo, o escrevente **Q** usa “100” representando a palavra **sem** (Anexo 7.2); g) ocorrência de gíria; h) uso arbitrário de maiúsculas e minúsculas, entre outras práticas agramaticais.

Daqui pode-se resumir os motivos da alternância de código e do baralho ortográfico nos seguintes: a) desconhecimento do padrão ortográfico das LMs, em particular do xichangana (dentre vários exemplos vistos, o internauta **M** escreve **vhakite** e outro, **N**, escreve **vaquite**; o internauta **E** escreve **haweneee** e outro, **K**, escreve **awena**, sendo o correto **hewena**); b) desconhecimento das regras de segmentação vocabular nas LMs; c) dificuldades na transcrição ou articulação entre o sistema fonológico em xichangana e o seu correspondente ortográfico; d) dificuldades de transcrição de elementos da oralidade do xichangana na ortografia; e) ausência de inclusão no ensino público, de casos de mínima iniciação de leitura e escrita em LMs em modalidade virtual; f) ausência de estratégias

⁸ É termo relativamente em fase de neologicidade, que designa a linguagem utilizada no meio virtual, privilegiando criatividade, omissão de caracteres e uso da fonética em detrimento da etimologia, e inobservância às normas gramaticais Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Internet%C3%AAs>>. Acesso em: 01 out. 2021.

mais abrangentes de difusão de instrumentos e materiais de referência ortográficas; g) tendência de abandono do uso da numeração em LMs, que pode ser motivado por razões diacrônicas, explicáveis com recurso à história da numeração bantu, como por exemplo, esclarecido por GERDES (2008, p. 203); h) utilização presunçosa do alfabeto latino à base da ortografia do português; i) a ausência de prática de leitura em LMs, exceptuando em cultos, em esfera religiosa; j) o fato de a escrita no *WhatsApp*, e em outros espaços, muitas vezes exigir uso imediato e circunstancial; k) a tendência actual de fazer prevalecer a criatividade ortográfica, principalmente no mundo virtual (internetês por exemplo), em detrimento da sua normalização; l) a imparabilidade e incontrolabilidade da hibridização linguística no cenário translinguístico ciberretal em corporização.

4 Das ocorrências à articulação dos desafios linguístico-pedagógicos

As constatações deveras desafiantes até aqui logradas conduzem às últimas duas perguntas de investigação, colocadas *a priori* para este estudo, nomeadamente “qual é ou existe algum modelo de ensino virtual (em plataformas virtuais) de inclusão de LMs?”, e no escopo da política e planificação linguística moçambicana, “como é projetada a gestão pedagógica do multilinguismo e diluição linguística ciberespacial (o internetês, por exemplo)?”.

Obviamente, a internete e as TICs, permitindo um compartilhamento desterritorializado, vêm revolucionando o ambiente pedagógico no geral em todo o planeta. Infelizmente, em Moçambique, esforços de resolução destes problemas no ensino (de línguas) ainda se cingem a todo um repertório de artilharia pedagógica do modelo tradicional (de carisma estático), enquanto a hibridização linguístico-ortográfica tal como foi discutido aponta o dinamismo e emergência de novas exigências.

Outrossim, enquanto o EB em implementação se mostra como sendo a solução ideal do problema ortográfico e dos problemas socio-identitários, políticos e económicos decorrentes do multilinguismo moçambicano, o mesmo peca por, inevitavelmente, ser transicional, unidirecional. Ou seja, conforme atesta o próprio Guia Prático, trata-se de um EB de “*transição com características de manutenção*” mas que, na verdade, enquadra-se nos chamados programas bilingues fracos (CHAMBO *et al.*, 2020, p. 10), supostamente por não se ter encontrado outra via de embarque pelos programas fortes, devido ao complexo cenário nacional de multiculturalismo e multilinguismo. Adiado (involuntariamente) a promoção das LMs, o programa continua a promover o português como língua da unidade nacional, língua dos contextos formais, língua oficial, língua franca, e língua de instrução, e por conseguinte, língua de prestígio (MACARINGUE, 2017, p.61) em detrimento das LMs, perpetuando a violação dos direitos de acesso à L1 por maioria de aprendentes. Significa que o plano estratégico de

expansão do EB não prevê cruzamento entre a transição da língua materna bantu (L1) para português (L2) e do português para a L1, ou seja, o modelo em implementação em Moçambique não promove um bilinguismo aditivo, mas sim subtrativo, de despromoção das LMs (NHAMPOCA (2015, p.96). Significa, ainda, que as práticas ortográficas e reproduções do internetês, e conteúdos exógenos, antiéticos e não constantes da educação planificada vão se impondo e proliferando por via da cada vez mais hegemónica aprendizagem móvel informal.

4.1 Reinventariação linguístico-pedagógica face ao baralho ortográfico entre o PM e as LMs

Perante esta problemática seria prudente que se tome uma atitude pragmático-libertária: procurar maximizar o lado bom do cenário linguístico-ortográfico da presente sociedade em ciberculturalização, ou seja, emparelhar a criatividade grafolinguística *off* e *online* com a articulação periódica de convenções-padrão. Estas orientarão a sociocomunicabilidade, a operacionalização do ensino de línguas, a práxis e as várias sub-esferas humano-existenciais. Tratar-se-ia de adotar mecanismos de adaptação sob um **modelo de escolarização linguística multiforme, integrativo e assente em multiletramentos**. Isso implicaria introduzir um ensino **bilingue multifacetado** (presencial; à distancia; virtual; multilingue, abrangendo todos os níveis, enfrentando com unhas e garras as limitações impostas por variáveis como: o maior fosso digital, precariedade social⁹, insustentabilidade, desnível campo/cidade, etc., ao invés de adiamento). Pelo que, o Plano Estratégico de Expansão do EB, ao focar na visão de “*tornar a expansão do ensino bilingue criteriosa, gradual e sustentável*” (MINEDH, 2019, p. 8-9)”, devia 1) prever ou procurar incluir, a todo o custo e urgência, a componente virtual, que podia consistir inicialmente na inclusão gradual e explícita de projetos de digitalização do EB; 2) alicerçar as estratégias de expansão do EB e os já iniciados esforços de padronização e harmonização ortográfica das LMs não apenas sob o modelo subtrativo mas sim, mesmo dentro de dificuldades, tomar-se o ensino virtual em rede nacional multinível como alternativa inevitável que pode possibilitar o fugaz ensino bilingue aditivo. 3) encarar os novos géneros da escrita virtual como pontos estratégicos de orientação da intervenção linguístico-pedagógica; 5) Levar-se a cabo a recolha e discussão das ocorrências em fóruns próprios de construção de soluções ética e culturalmente pedagógicas. Seria uma idealização/abordagem, assente na visão abreviada a seguir.

⁹ Em termos de índice de desenvolvimento, Moçambique ocupou a décima posição, na cauda do *ranking* dos países em ele era mais baixo em 2019 (UNDP, 2019, p. 314).

4.1.1 Projetando uma equilibrção linguístico-pedagógica policêntrica

Ao invés do currículo vigente que privilegia apenas o ensino de línguas de comunicação mais ampla (LCMA), seria altura de Moçambique maximizar investimento numa planificação linguística locaglobalizada (de linguismo afro-moçambicano consensual, mas aberto ao interlinguismo global). Passaria pela introdução de uma disciplina de “iniciação ou contextualização em LMs”, em regime presencial, semi-presencial ou *online*, dependendo da viabilidade em função das diversas cartografias etnolinguísticas a nível regional e de cada instituição de ensino, quebrando o currículo monolíngue nos vários níveis e subsistemas do ensino moçambicano, incluindo o PESD, tanto 1 como 2¹⁰, ISCED¹¹, etc.. Consistiria em: 1) adicionar no(s) tronco(s) comum a obrigatoriedade de uma LM ao prazer do aprendiz em todos os níveis e subsistemas do ensino, embora fosse necessário; 2) apoiar e orientar os/as aprendentes ou formandos na escolha da LM a aprender, com; 3) inclusão de atividades de produção textual na LM escolhida pelo aprendiz (sem esquecer o desafio maior de partida - o da angariação ou capacitação de tutores *online* e *offline* exclusivamente para ensino de cada uma das LMs); 4) implementar uma abordagem síncrona gradual entre a formação de professores de EB para todos os níveis e a implementação do ensino bilingue (inicialmente, uma disciplina ou módulo LM curricular); e 5) desenhar a introdução gradual (policentricamente ajustada) do uso de LMs em eventos formais, prevendo a empregabilidade na base das LMs. O PESD 2, que é virtual por conceção, mas que presentemente só inclui três LCMA, já devia ser tomado como alternativa ideal de iniciação ortográfica virtual, projetando uma estratégia de um EB aditivo a favor das LMs¹².

4.2 Propostas de operacionalização linguístico-pedagógicas

Como focos práticos iniciais, no ensino de línguas (sobretudo LMs) seria de priorizar: 1) a oficialização e regulamentação do **modelo híbrido**; 2) **conteúdos** físicos e virtuais com actividades de leitura e redação em LMs; 3) a criação de bibliotecas virtuais públicas de conteúdos seletos, em LMs e sobre cultura afro-moçambicana; 4) elaboração de temas físicos e virtuais mistos em LMs (de moral, cultura, história, jogos e diversão, com foco na criança e juventude, resgatando histórias vernaculamente designadas *karingana wa nkaringana*). Acima de tudo, o estudo propõe a inclusão de géneros ortográficos problemáticos emergentes, do português, das LMs e de outras línguas, nos **temas**

¹⁰ PESD – Programa de Ensino Secundário (médio) à Distância. Os números na designação PESD1 e PESD 2 significam, respectivamente, primeiro e segundo ciclo. Disponível em: <<https://noticias.mmo.co.mz/2017/02/lancado-o-programa-de-ensino-secundario-a-distancia-para-11a-e-12a-classes.html#ixzz78bbtYy3W>>.

¹¹ Instituto Superior de Ciências e Educação à Distância.

¹² Detalhes de seus problemas de bases operativas, contexto, e sugestões específicas sobre o PESD 2, são relegados a outro estudo. Por exemplo, consta que tutorias síncronas são um desafio maior, tanto para aprendentes como para tutores.

programáticos. Alguns exemplos seriam: a) A emergência do internetês no gênero digital ; b) A escrita no gênero textual digital *versus* LMs; c) A comunicação, as redes sociais e as LMs; d) As redes sociais e as línguas bantu (LB); e) O gênero digital e a literacia multilíngue; f) O gênero digital e a numeracia multilíngue; g) O gênero textual digital e a alfabetização (de adultos); h) Caracterização da escrita (do PM e LB) nas redes sociais virtuais. Deviam ser inclusos temas e textos linguisticamente afromoçambicanos (ou locais) ao lado dos interculturais ou exógenos, como por exemplo, a) temas de leitura sobre usos e costumes em LMs; b) a escrita (cópia, e redação antes da produção escrita propriamente independente); c) textos didático-históricos e gerais (como por exemplo: “A batalha de Coolela”, “O massacre de Wiriyamo”, “O massacre de Homoíne”, “As mudanças climáticas”, “O império do Mwenemutapa”, de Gaza”, “A cultura da paz”, dentre outros, recontados em LMs. Sua hipertextualização (por exemplo, em *sites* ou *blogs* escolares criados e recomendados) seria frutífera.

No concernente aos **conteúdos** de ensino híbrido (de línguas) em casos de limitação de meios, podia-se recorrer ao uso de materiais reais auxiliados por aplicações e ferramentas *offline* das TICs, que propiciariam a identificação dos aprendentes (não só de línguas), com o cenário corrente. São exemplos, o uso de (*wireless*) *speakers* conetáveis por *bluetooth*, disquetes e *flash disks* com vídeos, textos, contos, música, narrativas, conteúdos didático-pedagógicos de temáticas diversas, que possibilitem um ensino de línguas com **técnicas de integração** de habilidades (de fala, escrita, escuta e leitura). Seria uma aposta em difusão *off* e *online* de iscas linguístico-didáticas inculturadas, de redução de vícios do internetês. Infelizmente isto ainda não acontece.

Como estratégia de **divulgação e disponibilização**, as matérias bem como os resultados das pesquisas linguístico-literárias, ou de debates sobre a padronização e harmonização ortográfica das línguas bantu, das LMs entre outras, seriam disponibilizados em arquivos acessíveis ao público moçambicano, em moldes físicos e virtuais, como por exemplo, janelas *online* das LMs e bibliotecas linguístico-culturais virtuais em LMs. Outras vias podiam ser: ativismo ambulante, debates sobre LMs em janelas televisivas, cartas circulares endereçadas aos numerosos crentes das diversas denominações religiosas, *sites* públicos (biblioteca nacional virtual do ensino bilingue, que incluiria conteúdos culturalmente focalizados e atrativos), *websites* escolares¹³ com *links* interescolares, desde o nível pré-primário. A revista virtual “Njinga & Sepe ...”, é uma iniciativa exemplar de divulgação.

No modelo de **avaliação** se podia procurar incluir todas as quatro habilidades linguísticas. A priorização dos testes de escolha múltipla em línguas, que se verifica quase a partir da décima classe, pode induzir à despreocupação do (ou da) aprendente pela correção ortográfica e outras competências.

¹³ Instituições públicas de ensino primário e médio também podiam ser virtualizadas, (em rede), e as LMs, *googlezadas*.

Todos os **atores** deviam ser habilitados, para além da reestruturação do papel da escola. Já há casos de **alunos** que se fazem às aulas exaustos, indolentes, e ensonados, mas sem terem resolvido as tarefas de aprendizagem de fora da sala. São vítimas da obsessão pelas fantasias do mundo virtual, viciando-se por exemplo, pela escrita à base do internetês, daí que foram arroladas algumas propostas nesse sentido, acima. Existe necessidade de conscientizar professores (de línguas) sobre este caos, do fenómeno ortográfico, da variação e dinamismo das línguas. O **professor** (de línguas), bem como os **planificadores** e fazedores de políticas linguísticas, deviam todos ser habilitados com literacia digital, em LMs e em matérias e práticas linguístico-ortográficas da cibercultura e suas implicações. A **comunidade** devia ser mobilizada pelas direções escolares a integrar os esquemas e exigências das novas tecnologias no aprendizado geral e linguístico-ortográfico dos seus filhos e filhas.



Figura 2. Matriz linguístico-pedagógica idealmente entrosada
Fonte: O autor

5 Síntese conclusiva

O estudo, a partir do comportamento sociocomunicacional dos internautas, considera que por detrás das marginalizadas LMs jaz o pulsar da identidade dos internautas e toda a sua bagagem ontológico-epistemológica, nomeadamente, sua cultura, saberes, valores, práxis e cosmovisão afroçoambicanos, que pugnam a glotofagia extintora num latente clamor por resgate e por um reconhecimento condigno. A consciência dos internautas, involuntária e espontaneamente, entra em

constante conflito com as imposições linguístico-epistemológica e ontologicamente eurocêntricas, ou seja, exógenas (sem significar com isso sua rejeição). Considerando os vários erros ortográficos, alguns dos quais descritos neste estudo, como por exemplo, os recorrentes casos de uso indevido de <c> ao invés de <k>, erros de segmentação, deslocação ou omissões da aspiração <h>, dentre outros baralhos e banalizações translinguísticas (entre o português e xichangana), o estudo propõe a busca de estratégias de viabilização da transferência, conjugação e harmonização de habilidades de escrita interlinguística do PM, das LMs e de quaisquer outras línguas, no mundo virtual.

Embora o estudo reconheça a existência de déficit de capital humano-material, infraestrutural, tecnológico e financeiro (o que faz com que as propostas sejam muito utópicas ou mesmo inexequíveis), o estudo insiste que se busque, **dentro do contexto precário** que caracteriza o país, um ensino (de línguas) **híbrido abrangente**, desde a primeira classe, centrado na **afromoçambicanidade e conexo ao actual fenómeno da ciberculturalização linguística global**, sob parcerias intergovernamentais, institucionais e interempresariais, em tecnologias educacionais. Recurso à energia gerada por sistemas fotovoltaicos iria viabilizar a digitalização mesmo em zonas rurais, com montagem de escolas e centros comunitários com salas de aulas equipadas com TICs. Tratar-se-ia de contrariar o que tem acontecido até presentemente, onde as implementações do ensino virtual são seletivas, de recurso ao ensino virtual como **alternativa** em apenas algumas instituições do ensino superior, sem que haja um modelo oficialmente nacional de **apropriação**, com metodologias e critérios oficializados a nível do Ministério de tutela ou do governo, excluindo zonas rurais e gerando maior exclusão digital. Raramente se tem recorrido a ferramentas e aplicativos *offline* portáteis. Mas estes já proliferam mais na aprendizagem móvel informal, mas sendo de uso escasso no ensino formal. Plataformas como *MOODLE*, *Aptus*, *Google meet*, *Zoom* (alguns dentre tantos), ainda não são usadas sob base institucionalizada, uniforme e de cobertura nacional. Esta seria uma das melhores rotas rumo a um ensino de línguas ciberecológicamente libertário, harmonioso e humanizante, e mormente, de outorga dos direitos linguísticos a todos e a todas.

6 Referências

BLANCHET, P. Extrait de: *La linguistique de terrain Méthode et théorie Une approche ethno-sociolinguistique*, 2000, Rennes, Presses universitaires, pp. 28-40. Disponível em: <<http://linguistes.fr/public/Cours/Poitiers-2010/L1-L2/Terrain-Blanchet.pdf>>. Acesso em: 5 set. 2021.

CHAMBO, G. *et al. Ensino Bilingue em Moçambique – Guia Prático*, Universidade de Vigo, 2020, ISBN: 978-84-8158-858-3. Disponível em: <https://www.academia.edu/44448347/A_EDUCA%C3%87%C3%83O_BILINGUE_EM_MO%C3%87A_MBIQUE_GUIA_PR%C3%81TICA>. Acesso em: 13 ago. 2021.

GERDES, P. (org.). *A numeração em Moçambique: Contribuição para uma reflexão sobre cultura, língua e educação matemática*. Maputo: Centro de Pesquisa para Matemática, Cultura e Educação, 2008, C.P. 915, 2ª edição. Disponível em:

<http://www.etnomatematica.org/BOOKS_Gerdes/a_numeracao_em_mocambique.pdf>. acesso em: 19 jul. 2021.

JUFFERMAN, K. et al. (eds). *African Literacies, Ideologies, Scripts, Education*, 2014. Disponível em: <https://www.academia.edu/40054210/AFRICAN_LITERACIES_IDEOLOGIES_SCRIPTS_EDUCATION_Edited_by_KASPER_JUFFERMANS_YONAS_MESFUN_ASFAHA_ASHRAF_ABDELHAY_With_an_introduction_by_the_editors_chapters_by_Fie_Velghe>. Acesso em: 20 ago. 2021.

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEITÃO, Débora K.; GOMES Laura G. Gomes Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. *Revista Antropológica*, n. 42, Niterói, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884/pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2021.

LIMA, D. C. Alternância de código linguístico no cotidiano de um lar. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 46(2) - Jul./Dez. 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tla/a/DRfxSbmPjtGYhpZjNBpWrQs/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

MACARINGUE, I. Políticas linguísticas de Moçambique: controvérsias e perspectivas. In *Revista internacional em língua portuguesa: Língua Portuguesa em África. Políticas Linguísticas e Crioulos em Debate* IV Série Nº 31 2017 http://aulp.org/wp-content/uploads/2019/01/RILP2017_31revisto.pdf

MINEDH (2019). Estratégia de expansão do ensino bilingue (EEEB) 2020-2029. Maputo: MINEDH. https://planipolis.iiep.unesco.org/sites/default/files/ressources/mozambique_estrategia_de_expansao_do_ensino_bilingue.pdf

NHAMPOCA, E. Ensino bilingue em Moçambique: Introdução e percursos. *Work. Pap. Linguíst.*, 16 (2): 82-100, Florianópolis, ago/dez. 2015. DOI:[10.5007/1984-8420.2015v16n2p82](https://doi.org/10.5007/1984-8420.2015v16n2p82)

SITOE, Bento. Padronização e harmonização da ortografia de línguas moçambicanas. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA) | v.1, nº 1| p.09-24| jan./jun. 2021. Disponível em: <<https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/566/385>>. Acesso em: 14 de ago. 2021.

TEMBE, F. et al. *Manual de Línguas Moçambicanas Formação de Professores do Ensino Primário Educação de Adultos*. Associação Progresso ©2018 (Revisão - Março 2019). Disponível em: <<http://ead.mined.gov.mz/site/wp-content/uploads/2020/03/Manual-de-L%C3%ADnguas-Mo%C3%A7ambicanas-2020.pdf>>. Acesso em: 7 abr. 2021.

TIMBANE, A. A.; BERLINCK, R. A. A Influência do português nas línguas bantu faladas em Moçambique: o caso do xichangana. *InterDISCIPLINARY Journal of Portuguese Diaspora Studies*. Vol. 8, p. 105-125, 2019. Disponível em:

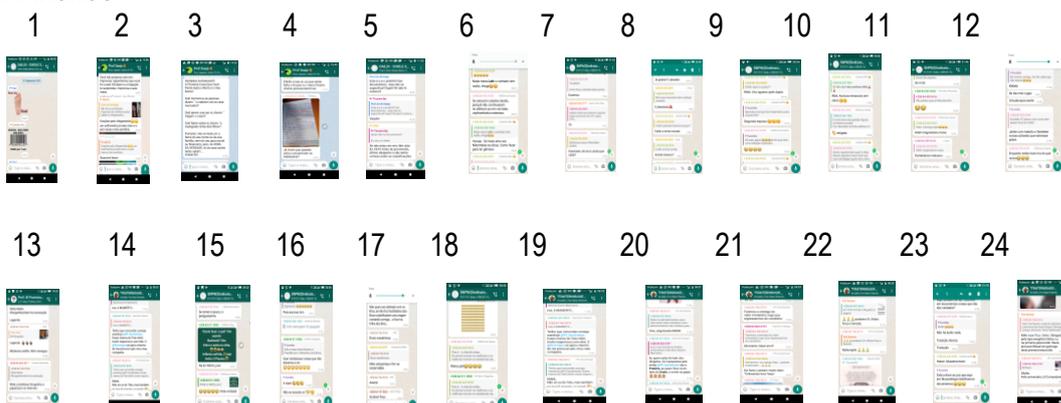
<https://www.researchgate.net/publication/335223016_A_influencia_da_lingua_portuguesa_nas_linguas_bantu_faladas_em_Mocambique_o_caso_da_lingua_xichangana/link/5d58271992851cb74c743fac/download>. Acesso em: 17 set. 2021.

TIMBANE, A. A.. Os empréstimos do português e do inglês na língua xichangana em Moçambique. In Revista *Linguagem – Estudos e Pesquisa* (2012) DOI: 10.5216/lep.v16i2.28488. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/lep/article/view/33528/17734>>. Acesso em: 09 out. 2021.

_____. "A variação e a mudança lexical da Língua Portuguesa em Moçambique". *Thesis* · Araraquara – S.P. 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/103535/timbane_aa_dr_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 abr. 2021.

UNDP. *Human Development Report 2019: Beyond income, beyond averages, beyond today: Inequalities in human development in the 21st century.* (online). Disponível via: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2019.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.

7 Anexos



Data de submissão: 26/10/2021. Data de aprovação: 23/05/2022.